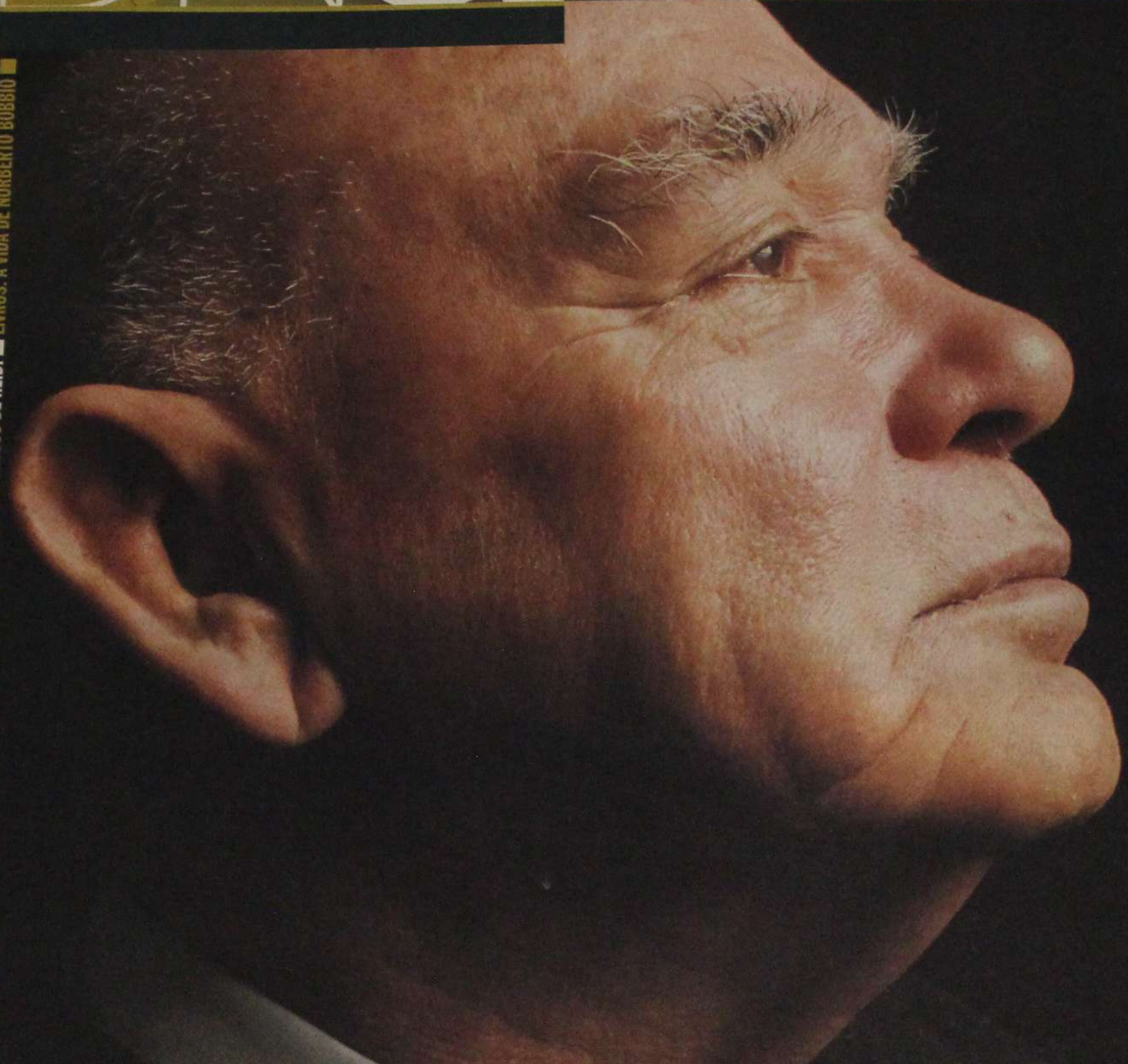


SABADO Nº 155
25 DE JANEIRO DE 2000


DNa

ESPECIAL (II): UM FOTOGRAFO NA B S NIA ■ MODA: O REGRESSO DE HEIDI ■ LIVROS: A VIDA DE NORBERTO BOBBIO



Inocente ou culpado?

ROSA COUTINHO FOI UMA DAS IMAGENS DE MARCA DO ANO DE BRASA DA REVOLUÇÃO. DESPERTOU ÓDIOS E PAIXÕES. É HERÓI PARA UNS, CRIMINOSO PARA OUTROS. 25 ANOS DEPOIS DESSES DIAS QUENTES DE 1975, ELE ACRESCENTA DADOS À HISTÓRIA E FALA SEM MEIAS MEDIDAS, COMO SEMPRE



Aos 73 anos o «Almirante vermelho» revela mais um bocado dos anos de brasa que trouxeram a revolução ao país e o tremendo fim de um sonho a meio milhão de residentes nas colónias. Com um largo sorriso e sem meias palavras. Como sempre

ENTREVISTA DE TERESA MAIA E CÁRMEN FOTOGRAFIAS DE PEDRO LOUREIRO

Rosa

«Rio para não estar triste... Tenho algum sentido de humor. É um lema: se alguém tem de se chatear que se chateiem os outros»

Coutinho

Rosa Coutinho

Ele é o homem que os «retornados» adoram odiar. Começo por esclarecer que sou um deles: cresci a ouvir pintar este homem com as cores mais hediondas, sempre a puxar para o vermelho. Com mais ou menos razão, ficou para a História como a cara da «descolonização exemplar», eternamente dita assim, com este misto de amarga ironia e um pouco de raiva até. Agora que a tragédia angolana se tornou assunto mundial e o conflito extravasa as fronteiras, alastrando para a República do Congo, Zâmbia e Namíbia, os atropelos aos direitos humanos são reconhecidos por todos, também era preciso ter lata. Agora, também, que passaram 25 anos sobre os acordos do Alvor, era interessante ouvir um dos seus principais obreiros. Que acabou por ser a sua primeira vítima: a FNLA exigiu a sua saída, bem lembrada que estava dos tempos em que o prendeu e torturou, em 1961, no Zaire. O Almirante mantém a sua impressão do que considera pouco mais que uma tropa fandangá, «um bando de mafiosos dependentes do Zaire». São intrigantes os mitos. Posso ser acusada de branqueamento. Mas o que dizer se, depois da entrevista, me pareceu um homem muito mais vítima das circunstâncias do que o rematado malfeitor que me tinham pintado? E com sentido de humor e argúcia na argumentação. Esteve só seis (cruciais) meses em Angola na altura da transição, sacode aqui e ali a água do capote, assume algumas culpas no processo. Ele que foi um dos protagonistas tem a coisa equacionada. Considera-se mais um bode expiatório que outra coisa. A voz cava de fumador impenitente de dois maços diários de SG gigante pausa, divertida, a avaliar as minhas perplexidades, antes de atirar o que sabe ser uma bela bujarda. Esquerdista dos 4 costados, é hoje avô de nove netos e passa as tardes na sua empresa de má fama a ler os jornais. É uma daquelas casas das Avenidas Novas, escura como essas sabem ser, cheia de um pó sussurrado pelos mapas enormes que forram as paredes. Todos das ex-colónias. Conversamos com uma larga pintura que mostra três belíssimas palancas a cortar o horizonte direito e inconfundível de Angola. Tinha de ser.

Para começarmos, satisfaça-me uma curiosidade: porque passa sempre o 1º de Maio numa varanda ali na Almirante Reis, em frente à Portugalá?

- Tem sido uma facilidade concedida por um colégio, que tinha uma administração progressista, e nos ofereceu, a mim e ao Vasco Gonçalves, essa oportunidade de ver a manifestação. Temos aproveitado porque normalmente depois saímos e integramo-nos na manifestação. Assim as pessoas vêem-nos a nós, e nós podemos seguir com elas, os que podemos.. Tornou-se clássico, e eu cumprio a tradição. Gosto de participar no 1º de Maio. É como reparação de não ter participado no primeiro 1º de Maio.

Onde é que estava?

- Naqueles primeiros dias após a revolução, senti que havia a possibilidade de uma reacção das forças do regime e que o 1º de Maio podia ser uma ocasião. De maneira que estive na Cova da Moura, à espera de qualquer incidente, e não assisti à grande festa, que foi a maior do País!

E ainda tem essa mágoa?

- Ainda tenho essa mágoa ...

Do sr. Almirante conhecemos quase só a caricatura, pouco sabemos do homem. Vamos ao seu passado, à infância mesmo. Nasceu em Santa Catarina, Lisboa?

- Sim, na Travessa do Alcaide. Nasci e cresci ali até à morte do meu pai, muito cedo, tinha eu nove anos.

O seu pai era militar também?

- Não. Era comerciante. A minha mãe era professora primária, mas não chegou a exercer. Tenho um irmão, três anos mais novo, que é economista.

Frequentou o liceu Passos Manuel durante sete anos, transitou para a Faculdade de Ciências e depois para a Escola Naval. Porque escolheu ser militar?

- Não foi ser militar, foi ser marinheiro. Há uma certa diferença. Eu não concorri para o Exército nem para a Força Aérea. Foi só à Marinha porque desde muito cedo tinha ânsia de viajar. Nunca tinha saído do país, nessa altura era difícil. Conhecer gentes, comparar coisas.

Depois da Escola Naval frequenta o Técnico, onde se forma como engenheiro hidrográfico.

- Sim. A minha carreira militar divide-se entre os navios operacionais, fragatas, etc, uma especialidade em comunicações e operações e mais tarde, os trabalhos como engenheiro hidrográfico, em Moçambique. Terminei a Escola Naval em 1948 e só comecei a frequentar o Técnico em 54, já era casado com filhos...

Casou-se muito novo então?

- Casei-me em 1950, vou fazer este ano 50 anos de casado.

Muitos parabéns, que é uma coisa linda e rara. Casou com uma moçambicana...?

- Casei com uma pequena nascida em Moçambique. Tenho quatro filhos e nove netos. Calculei que teria uns oito mas houve um que ultrapassou a média.

É um bom avô?

- Sou, não sou propriamente um avô babado mas gosto dos netos e eles gostam de vir cá a casa, somos uma família bastante unida.

Depois do Técnico faz um estágio nos EUA e, quando

O MFA era uma espécie de guarda-chuva que permitia à revolução desenvolver-se sem ser ameaçada. Não era o motor da revolução, como alguém disse. Chegou-se a alvitrar, e não fui eu, que o MFA concorresse às eleições

regressa, cumpre dois anos em Angola numa missão hidrográfica que acaba mal. E preso pela FNLA, no Zaire.

- Foi de 59 a 61. Em 1961, sou preso pelas autoridades do Zaire, como espião, por ter desembarcado sem autorização.

Foi uma prisão gratuita?

- Não foi gratuita, eu fui lá de propósito... Fui convidar o director de serviços de vias navegáveis do Zaire para jantar a bordo do navio para um estabelecimento de relações.

Mas isso era proibido?

- Era proibido, se eu não tinha visto...

Foi maltratado, ao que se sabe.

- Fui, claro. Fui eu como foram muitos portugueses. Eu em especial por ser considerado espião. Estive quatro meses preso.

O que é que recorda dessa experiência?

- Um granel incrível...

Medo, humilhação?

- É claro que por vezes tive receio porque a minha vida esteve ameaçada. Fui exibido quase como uma presa de guerra pelas ruas... Foi humilhante e, enfim, também foi uma lição que até teve consequências psicológicas. É que, depois de me ter saído daquela, considerei que me podia meter em qualquer coisa que já não devia ser pior...

A prisão marcou de algum modo a sua politização?

- Marcou. Uma das coisas que me revoltou, mais tarde em Angola, foi sentir que o General Spínola estava a encaminhar as coisas para a descolonização ser feita sobre o patrocínio do Zaire. Ele entregava Angola ao Mobutu, o que me arrepiava.

Entendeu que isso era o que estava a ser feito?

- Era, era. O Mobutu já estava convencido disso. Em 74, ele chegou a mandar a família passar férias a Luanda sem solicitar um convite nem nada. Mandou-os para o que ele já considerava como a sua futura praia... E eu ainda me orgulho de ter tirado Angola das garras do Mobutu.

Essa é uma afirmação de peso! Há muitas coisas que gostaria de lhe perguntar sobre a descolonização, mas só um pouco mais adiante. Entretanto viveu uma série de anos em Moçambique, como encarregado da hidráulica marítima.

- Foram oito anos e meio.

Esses anos foram só de trabalho técnico ou tinha algum envolvimento político?

- Essencialmente técnico. Tinha às vezes algum envolvimento militar, certas obras que o comando naval precisou no lago Niassa - fui eu que as planeei. E em cais flutuante, que deixei instalado no Zaire, ainda lá deve estar...

Se não era particularmente politizado, e tendo desempenhado nas colónias funções de carácter sobretudo técnico, intriga-me perceber como é que integra a Junta de Salvação Nacional logo no dia 25 de Abril.

- O meu envolvimento datava de dois dias antes: escolhem-me porque foi a escolha da Marinha. Não fui o primeiro convidado, calculo que fui o 4º...

Por que alinhou?

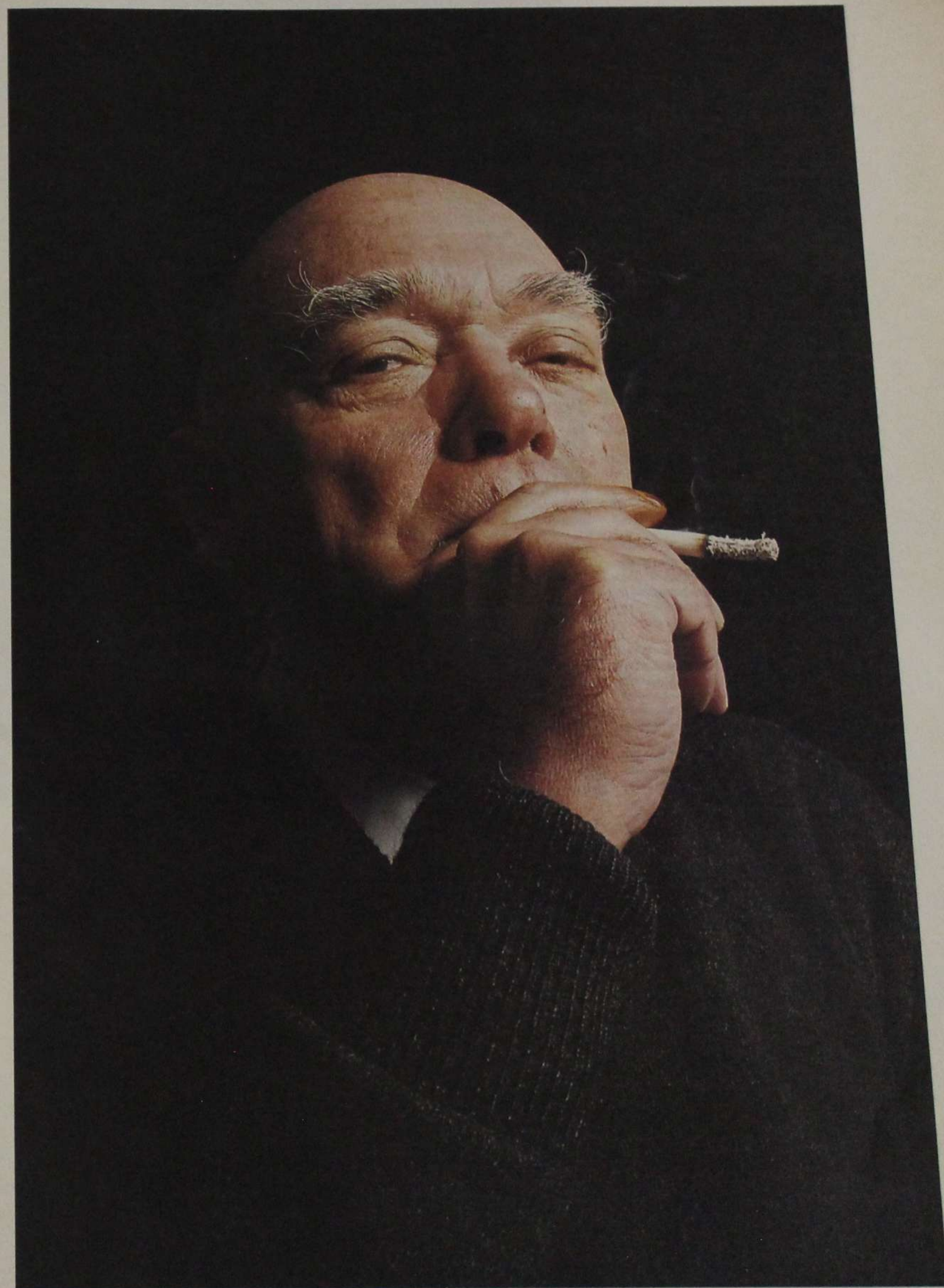
- Porque achava que era necessário dar uma solução ao problema, que essencialmente era a guerra colonial. Havia naturalmente uma necessidade de democratizar o país.

A esta distância dá ideia que havia uma fragilidade ideológica interna no MFA, que as pessoas só tinham como grande objectivo comum acabar com a guerra colonial...

- É preciso ver-se que o governo de Marcelo Caetano não conseguiu fazer qualquer avanço no sentido da democratização do país, porque existiam as guerras coloniais, que eram o grande pretexto. De certo modo fundamentado, porque sem a PIDE e a censura as guerras coloniais tinham acabado mais cedo. Há uma coisa que eu gostava de contar... Uma das precauções que o governo salazarista teve foi desmobilizar imediatamente os homens que vinham da guerra colonial: nenhuma unidade ficou constituída depois de vir, à excepção das forças especializadas - paraquedistas, fuzileiros, comandos.

Desmantelava essas unidades com que objectivos?

- Não deixar que houvesse união entre homens que a tinham forjado durante a guerra. Porque o governo tinha muito receio de qualquer movimentação militar



Rosa Coutinho

Contou à sua mulher?

- Nada. Só no próprio dia 25 de Abril é que lhe disse para ver na televisão...

Conte-me algumas histórias desse tempo em que «o MFA é o povo e o povo é o MFA». Parece que eram chamados para tudo, não era?

- Éramos chamados constantemente. Houve um tempo em que este país não tinha governo, até à formação do 1º governo do Palma Carlos. Durante duas ou três semanas era governado por delegados do MFA. Sucedeu que como não tinha sido cumprido o protocolo de todos os oficiais da Junta terem funções militares eu e o Galvão de Melo ficámos de fora, a não fazer nada.

Então...?

- Iam-nos pedir tudo. Porque o país entrou em ebulição. Os operários, que nunca tinham feito greve na vida, não se convenciam que tinha havido uma revolução e que não sofriam nada por isso. Os jovens que estavam disponíveis para atender essa gente toda era eu e o Galvão de Melo. Mas houve greves preocupantes. Era uma reacção compreensível, mas que nos prejudicava perante a opinião pública. O que nós fazíamos era nomear um delegado da Junta para ir ao terreno resolver o problema. E só a presença desse oficial, com mais ou menos bom senso, conseguia resolver a maior parte dos problemas. Houve muitas histórias! Eu olhava sempre para a revolução com algum sentido de humor e às vezes ficava a rir sozinho com algumas coisas que se passavam.

Aliás aparece sempre a rir nas fotografias. Ri... de quê?

- Rio para não estar triste... Tenho algum sentido de humor. E um lema: se alguém tem de se chatear que se chateiem os outros. Mas vou-lhe contar outra: Pouco depois do 25 de A., a Siderurgia Nacional apresentou as suas contas relativas ao ano transacto. Havia lucros e os trabalhadores queriam que revertissem todos para eles. Eu perguntava: e então quando for necessário investir? E eles respondiam, o Estado depois avançava... Só havia uma divisão entre os trabalhadores: uns queriam distribuí-los igualmente por todos, outros pretendiam que fossem proporcionais aos vencimentos! Houve, todavia, uma coisa que ajudou: a instituição dos ordenados mínimos. Mas não foi pacífico; havia uns disparatados que queriam ordenados de 6000\$ para as mulheres da limpeza, a partir daí era tudo para cima...

Ficou fixado em quanto, recorda-se?

- Em cerca de três. Havia gente que ganhava na época 500/600 escudos...

Vai para Angola muito rapidamente. Porquê?

- Eu também não percebi. Tudo se prende com o acompanhar o Costa Gomes a Moçambique. O Spínola quis nomear para Governador e Comandante em chefe para Moçambique o Silvino Silvério Marques e o

MFA opôs-se. Se fosse como governador só, tudo bem, as duas coisas não. E o Spínola recuou, e nomeou-o para Angola só como Governador, um bocadinho contra a corrente. Já se dizia que para Angola havia umas 40 pessoas indignadas, o problema era que quem quer que fosse nomeado tinha a oposição dos apoiantes dos outros 39. Não havia portanto consenso.

A Junta devia ser um pagode de discussões permanente.

- Era. Essa foi uma das razões porque eu fui para Angola. Opunha-me à maneira como o Spínola agia - «A Junta sou eu» - e não era. Ele pregou-me muitas partidas e uma delas foi o enviar-me para Angola.

Foi de castigo?

- Não. Foi para se ver livre de mim. Estava convencido que não me aguentaria lá mais do que 15 dias... Eu fazia-lhe muita oposição, as pessoas não imaginam o que eram as suas prepotências dentro da Junta. Uma delas foi o encontro com o Nixon na Terceira, em Junho de 74. Quando regressou, o Pinheiro de Azevedo, que não lhe tinha assim muito respeito, disse na reunião - «ó sr. General diga lá o que se passou com o Nixon!» - O Spínola ficou como um miúdo apanhado a mexer na lata das bolachas, e disse: «A reunião correu muito bem. Eu fiz ao Nixon uma exposição sobre a situação mundial estratégica e o homem ficou abismado». Ficámos a olhar uns para os outros e ficou-se assim. Mais tarde, depois do Spínola ter saído, perguntei ao General Costa Gomes o que se tinha passado na reunião, porque eles conversavam mais à vontade. Respondeu que também não sabia. Percebeu-se que foi exclusivamente feita entre o ele e o Nixon com um assistente, o general Vernon Walters, que fala português. Só ele tomou notas - o Spínola não era homem para isso - e ninguém mais sabe o que se passou. Começaram agora a ser revelados alguns documentos nos Estados Unidos. Há um historiador português que já os viu.

E nas conversações do Sal, o que se passou?

- Isso também eu gostava de saber! Passou-se uma coisa semelhante. Estavam, o Mobutu, não sei ainda se o Holden Roberto, do nosso lado estava o Firmino Miguel e o Almeida Santos - que foi imediatamente mandado para a Praia para não assistir a nada. A ideia que tenho é que o Spínola queria Cabinda independente de Angola, ficando dependente de Portugal e do Zaire ao mesmo tempo. A única coisa revelada sobre as coisas do Sal foi feita pela revista «África Asié», que trazia uma relação das coisas a que se tinha chegado a acordo. Mas é uma revista, não é um documento. Eu suspeitei que era a entrega da descolonização ao Zaire e aos Americanos.

Mas, entretanto, vai para Angola.

- Nessa altura já estou mesmo em Angola. Uma das partidas que o Spínola me pregou foi fazer a reunião do Sal sem me dizer nada.

Foi presidente da Junta Governativa e depois Alto Comissário.

- Só fui Alto Comissário depois de ter sido dissolvida a Junta... Eu assinava «alto comissário em exercício» porque, a lei que dissolveu a Junta Governativa e criou o cargo de alto comissário, dizia: «Enquanto não for nomeado um Alto Comissário exercerá as suas funções o actual presidente da Junta Governativa». Na prática, não tomei posse, nem fui nomeado por ninguém. Como toda a gente me dá como exercendo o cargo de Alto Comissário até à independência...

O que é um pouco ridículo, porque sai em Janeiro de 75.

- O comissário nomeado foi o Silva Cardoso.

Faz muito pouco sentido ter ido para Angola e não para Moçambique que conhecia melhor.

- Fui para Angola para queimar.

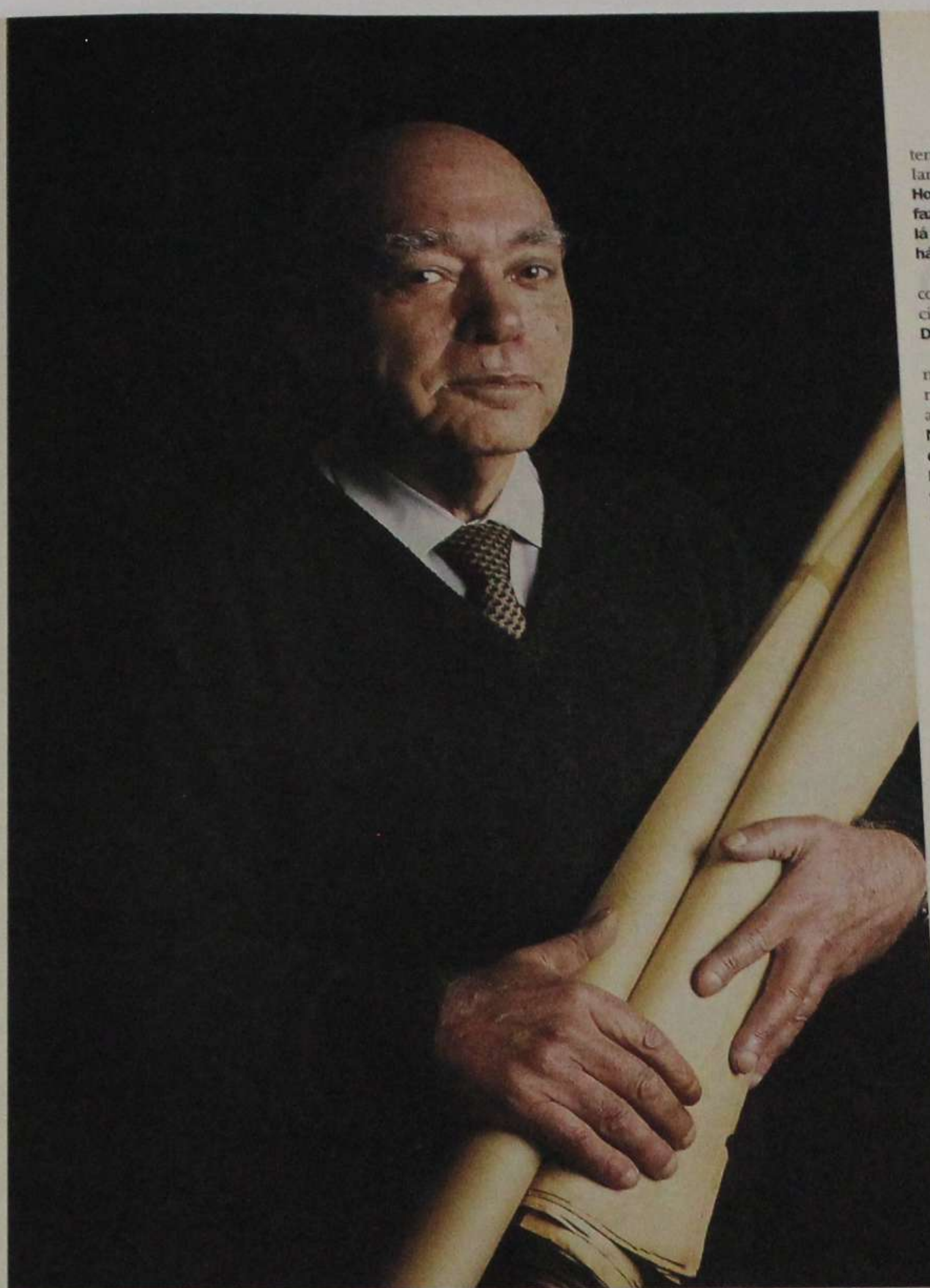
E queimou-se?

- Não, pelo menos da maneira como ele pretendia. O Silvino, que era o homem da sua confiança, tinha lá durado menos de um mês e eu iria lá durar 15 dias...

Quais eram as suas prioridades enquanto presidente da Junta Governativa?

- Primeiro, conseguir um cessar fogo com todos os movimentos. Não foi fácil. O Savimbi só existia porque convinha ao exército português. Foi consentida aquela ocupação sem oposição das forças armadas portuguesas com a condição de ele contribuir para impedir o avanço do MPLA, do leste para a costa.

Está a dizer-me que o exército português é que inventou, praticamente, a UNITA?



O exército português facilitou a implantação da UNITA e a sua existência.

Porque o movimento nem armas tinha. Foi o exército português, a PIDE, os madeireiros, e alguns sectores da Igreja

Sabia no que se estava a meter?

- Não, não sabia. Foi um risco autêntico, um desafio. Mas eu não percebia porque eu, não conhecia Angola... Chego lá e sou recebido com uma simpatia extraordinária que se denunciava por uma espécie de pintura que dizia «Fora Coutinho! Não queremos cá comunistas».

O sr. conseguiu nos escassos seis meses de permanência em Angola, granjear um ódio e uma raiva unânimes dos colonos. Como explica isso?

- É verdade, mais foi depois. Da revolução portuguesa, houve referências que ficaram a marcar o imaginário público. Uma delas foi o Vasco Gonçalves, aqui (onde continua a ser ostracizado e maltratado, a despeito da evolução política); na descolonização fui eu. Quando eu só estive em Angola seis meses, nunca fiz parte da comissão de descolonização, e os acontecimentos que afectaram os colonos se passaram todos depois da minha saída.

É acusado sobretudo de desestabilizar a comunidade branca. Aceita esta responsabilidade?

- Aceito alguma, porque a comunidade branca que tentou fazer de Angola um regime semelhante ao do Ian Smith, eu ataquei.

Hoje, à distância de 25 anos, qual era o problema de fazer uma independência à Rodésiana? Pelo menos lá não houve a tragédia fratricida que assolou Angola há 25 anos...

- Esse problema teria sido facilitado se, da parte dos colonos brancos, a atitude não fosse de uma índole reaccionária...

Defina atitude reaccionária.

- Uma atitude que não era aceite por nenhum dos movimentos de libertação. E não havia possibilidade de manter gente em Angola porque a revolução impediu a renovação dos executivos militares em Angola.

Nenhum soldado queria morrer com a última bala daquela guerra, que aparentemente já tinha acabado. Não lhe parece uma atitude de traição? Se o exército está lá para defender a população portuguesa, e está em funções, tem de ter a dignidade de a proteger. Ou não?

- Oiça, é humano... Para a tropa portuguesa no Ultramar, que era uma tropa de conscrição, de serviço militar obrigatório, a revolução portuguesa marcou o fim. É claro que é muito difícil de engolir pelos colonos e até pelas autoridades militares. Mas o problema era este: queriam-se vir embora! E eu tive vários problemas desta ordem, entre eles a revolta de Cabinda, em 2 de Novembro. As forças militares ali, depois do 25 de Abril, destituíram os comandos, em total insubordinação.

Como oficial que era, não conseguia pôr a tropa na ordem?

- Não, como é que punha a tropa na ordem? Com chicote? As forças militares também têm que ser motivadas com uma certa doutrinação... O 25 de Abril quebrou essa coisa. Isso sucedeu em Cabinda: de repente fiquei com dois mil homens fora de comando. Queriam era vir embora, passar o Natal. O de 74! Dias depois tive a invasão de Cabinda, com uma pequena força de mercenários comandados por um francês, que tomou o forte de assalto; e aqueles dois mil homens não foram capazes de expulsá-los para o Congo. Sairam porque eu mandei lá duas companhias de comandos. Se não tinha sido o princípio do fim de Cabinda.

Leu «As Quimeras Negras», do J. Lartéguy?

- Li.

Em Luanda passou-se uma história decalcada desse livro. Apareciam nas caixas de correio uns panfletos, supostamente a exortar os brancos a amarem-se devido a um ataque eminente dos negros, com o apoio português. Foi uma tentativa de desarmar a comunidade branca com esse pretexto. E atribui-se-lhe a promoção da ideia.

- Nunca ouvi falar nisso. Quando lá cheguei havia uma tentativa de genocídio dos negros dos musseques. Eram «heróis» que iam em carros aos musseques e com metralhadoras disparavam à toa. Brancos, principalmente taxistas. Tive de estabelecer um limite, com tropa portuguesa, a partir do qual não podiam ir à noite, era a linha «L».

Mas queria que os brancos viessem embora?

- Eu não, porque eram gentes de Angola.

Não sente quaisquer responsabilidades por aquela debandada aflightiva?

- Não, porque disse que para ficarem os brancos em Angola era preciso ter feito um acordo com o MPLA. E o Agostinho Neto estava de acordo.

Só com o MPLA, porquê?

- Porque no meio de uma guerra civil era impossível que os brancos lá ficassem.

O MPLA ficou com o poder todo sozinho e isso conduziu à situação actual.

- Por indecisão. Se se tivesse feito só com o MPLA... Mas, é claro, havia também uma impossibilidade internacional: os americanos tinham o seu cavalo em que tinham jogado dezenas de anos - que era a FNLA. A UNITA só teve protecção americana quando verificaram que o cavalo era coxo...

Como avalia esse colossal rancor dos chamados «retornados»?

- Sinto que fui tornado o bode expiatório das suas frustrações.

Mas não acha que teve responsabilidades no processo? Era o representante português.

- Tenho algumas, mas não essa. Eu opus-me à ponte aérea. Houve gente que se meteu no avião com a ma-

Hoje vivo da reforma. Vou vivendo alegremente. Ando bem disposto. Olhando para o correr do mundo e matutando, mas também sem desanimar

Rosa Coutinho

linha de mão para vir passar vinte dias ou um mês a Lisboa e regressar. Foram convencidos disso.

Só que havia guerra civil, os movimentos estavam à solta...

- Sim, mas não era nada comparável à guerra que se vive lá hoje.

Eu só posso falar-lhe de um caso que conheço bem: o meu. Não me lembro de achar piada às balas a passarem a meio corpo na rua e à hipótese de ficar sem Pai, já que já tinha perdido a Mãe. Dizia-se que o exército português tinha instruções para não actuar. Quem dava essas instruções?

- O exército só teve instruções para terminar as acções de guerra e passar a ter como objectivo a defesa das populações.

Só faltou defendê-las mesmo.

- Sim, porque eles estavam desmobilizados e é claro que o pânico instala-se. Tanto que eu a dada altura disse: o sonho de cada colono é ter um soldado debaixo da cama, e não há soldados que cheguem para tanta cama...

A situação era absolutamente incontrolável?

- Era, mas essa falta de controlo acontece depois de eu sair.

É verdade que o sr. sai no dia em que permite que os movimentos entrem, os três, em Luanda?

- Não, é totalmente falso! Eles entraram em Novembro de 74, autorizados por mim. Só se pegaram à batatada em Junho de 75. Há aqui bases de apreciação que estão totalmente falseadas. Eu autorizei a entrada depois de conseguir o cessar fogo. Já agora, uma história que tem a sua piada: Quando o Spínola fez aqui a sua renúncia, em 28 de Setembro, eu recebo uns dias depois um comunicado do Mobutu perguntando se os acordos do Sal continuavam em vigor. E eu desconhecia o seu conteúdo...

O que lhe respondeu?

- Disse: «Em princípio sim, mas vou mandar uma delegação para se confirmar o acordo de cessar fogo». E foi uma delegação, nomeada pelo Costa Gomes, com o Fontes Pereira de Melo e um membro da Junta, o Comodoro Cardoso, que foram ao Zaire e vieram de lá com o acordo de cessar fogo com a FNLA. Porque eu com o MPLA não conseguia, apesar das grandes intimidades que me atribuem. O MPLA estava muito dividido.

Com a UNITA, foi fácil?

- Foi fácil, porque já estava. A UNITA assinou o cessar fogo antes de eu lá ter chegado.

O que pensa de homens como Agostinho Neto e Jonas Savimbi, já agora?

- O Savimbi é tipicamente um soba africano, sem qualquer preocupação com a palavra dada no dia anterior. Prepotente e disciplinador, à custa das mortes que forem precisas e...muito mais racista do que o MPLA. O MPLA era o único que não era racista e era inter-tribal, mulato. Agostinho Neto estava já ultrapassado. Mas era um homem sério.

Mas privilegiou ou não o MPLA?

- Enquanto lá estive, privilegiei... pouco. Fiz uma coisa, já como Alto Comissário: atribuir a cada movimento um subsídio do Estado: 10 000 contos/mês, o que

na época era muito dinheiro.

Mas assim amava-os?!...

- Não... eles não tinham dinheiro para comer! Apesar de a UNITA e o FNLA terem as suas fontes de capital... O MPLA nem tinha dinheiro para comprar arroz, portanto foi uma medida que o favoreceu, embora tenha sido feita equilibradamente.

Hoje, se voltasse a ter a mesma posição, o que teria feito diferente?

- Não sei. Como lhe disse fui derrotado quando me opus à ponte aérea. A ponte aérea serviu para desestabilizar a revolução portuguesa.

Basta ver a quantidade de pessoas que vieram para o território dar força à contra-revolução.

O sr. Almirante! Então o destino dessas pessoas não o preocupa, é só a contra-revolução?

- Foram enganados. Mas não foram enganados por mim. Foram enganados pelo conjunto nacional que os convenceu que aquilo era tão português como do Mi-

O que senti quando morreu Spínola? Que já lá devia estar. Não fazia cá nada. Para mim, o maior herói do 25 de Abril é o Salgueiro Maia. Era um grande homem, foi um herói. E foi maltratado

nho a Timor. Eles não se sentiam colonos, era até uma palavra ofensiva. Havia gerações completas, Angola era um país apaixonante e eles estavam apaixonados pela terra em que viviam. Eu próprio estou. Quanto a mim a grande culpa da descolonização foi ter sido tardia. Se um diabético que não foi tratado a tempo for levado ao hospital e os cirurgiões para tentarem salvar a vida ao homem, precisarem de lhe cortar uma perna, quem é o culpado da amputação?

A perna eram os colonos?

- A perna eram os colonos.

Já em Portugal, chamavam-lhe nomes na rua?

- Era. Ainda encontro reacções de hostilidade na rua e já lá vão alguns anos. Encaro isso como...desagradável.

Comemoraram-se agora, digamos assim, os 25 anos dos Acordos do Alvor. Considera-se o seu grande obreiro?

- Eu é que consegui os acordos do Alvor, apesar de

ter sido a sua 1ª vítima. Repare que é a única conferência sobre a descolonização que é feita em território português. Foi uma vitória.

Acredita que o Estado português alguma vez tentou cumprir os acordos do Alvor?

- O Estado português sim. Os movimentos de libertação não.

Marcar a independência para tão cedo não terá sido uma precipitação?

- Não era cedo, já se tinham passado 19 meses desde a revolução e já não havia capacidade para manter tropas no terreno. A descolonização tinha prazo, que era determinado pela rendição das forças militares.

Acredita na solução política do conflito angolano?

- Estou atento. Mas sabe, a solução acho que vai ser por esgotamento. O que se está a passar ainda em Angola é uma vergonha.

Mas reconhece que, com o MPLA, está a «cleptocracia no poder», como diz João Soares? Com corrupção a todos os níveis.

- Onde é que não há corrupção em África? Dentro da mentalidade africana, o nepotismo é imperativo. Em África quando se vai a Ministro, não é só a pessoa: é a família toda. E, se não, é desclassificado entre os seus pares. Tem de arranjar casa para o tio, automóvel para o primo. Isto são as tradições tribais e familiares. O problema é que nestas coisas de mentalidade não se podem contar com anos, mas com gerações.

Contactou muito com esse poder através da sua empresa, a COTECO.

- Contactei, e tivemos acção. Nós, militares afastados depois do 25 de Novembro, criámos isto com a intenção de prestar cooperação técnica e comercial aos países de expressão portuguesa. Isto foi um 1979, quando os governos portugueses não queriam ter nada a ver com os governos de África. E teve uma acção importante.

A cooperação que fez não foi sobretudo a nível militar? E sobretudo com Angola?

- Não só militar. Acabou por ser mais com Angola, porque foi quem mais nos solicitou. Mas a cooperação foi feita em variadíssimos aspectos, basicamente em tudo o que nos pediam. Desde serviços de dragagem, a navegação de rios, estudos diversos, mas a maior parte delas pediam mas depois não faziam nada do que a gente aconselhava.

Faziam então uma espécie de consultoria para todo o serviço.

- ...E alguma dela foi militar. Em 92, quando o MPLA se viu em crise com a avanço da UNITA para áreas como o Uíge e Malange, e quando a cooperação soviética não se mostrava capaz de os ajudar, precisavam de gente que fosse capaz de preparar forças especiais de intervenção. Nós dissermos que sim, desde que não nos envolvesse em acções de guerra. Chegámos a ter em Angola 34 colaboradores, que tiveram acção importante, em Luanda, depois em Benguela. Depois, a pouco e pouco, a nossa colaboração deixou de ser necessária. Porque as coisas passaram a ser tratadas de Governo a Governo.

O certo é que a sua empresa tem má fama. Diz-se que é um segredo de polichinelo, que traficava armas e mercenários para Angola, a coberto de actividades de fachada. Houve mesmo um processo em tribunal contra a COTECO de dois militares que o processaram, por «incumprimento de contrato de trabalho». Esses homens eram mercenários?

- Não, evidentemente, porque não iam combater.

Em 84, o Governo e as Forças Armadas solicitaram ao Procurador Geral da República uma investigação sobre a sua actividade, na contratação de quadros permanente das FA na reserva para Angola, no desempenho de funções militares. Em que é que isso ficou?

- Não ficou em nada. Nenhuma das nossas actividades era ilícita. Isto está aberto, como vê, e não temos nada a esconder. Claro que a nossa motivação era política: isto nunca foi uma empresa comercial.

Fez muito dinheiro com a COTECO?

- Algum, sim. Ou seja, pessoalmente não. Mas o dinheiro que fizemos foi sempre reinvestido em projectos. E aquela célebre carta publicada no «Século de Joanesburgo» e mais tarde reproduzida pelo «Diabo» e o «Expresso», em que o senhor supostamente dava instruções sanguíneas ao MPLA?

- Para cometer as maiores barbaridades sobre os brancos, maltratar as mulheres e as crianças...

A democracia está em crise na europa. Veja o que se está a passar com o Kroll na Alemanha. Eu não sou um especial defensor do Kroll, mas respeito o homem! Claro que ele terá feito os seus pedacinhos, mas esta chacina pública é inadmissível

essa foi precisamente a altura em que tinha acabado a descolonização. E a guerra colonial era a grande motivação da revolução.

Depois remeteu-se ao silêncio. Por desilusão?

- Não foi bem, mas... talvez. Um pouco por verificar que aquilo que o povo português pareceu ser capaz depois do 25 de Abril, rapidamente degenerou. A liberdade abriu-se, a democracia institucionalizou-se, mas os defeitos intrínsecos aparecem. Neste momento, você olha para a política portuguesa e é ridícula. Ridícula. A democracia é uma (boa) criação europeia. E está em crise na europa. Veja o que se está a passar com o Kroll na Alemanha. Eu não sou um especial defensor, mas respeito o homem! Claro que terá feito os seus pedacinhos, mas esta chacina pública é inadmissível.

Mantém os seus ideais socialistas?

- Eu mantenho. Embora considere que a ambição de transformar a mentalidade humana é pontualmente lógica, mas um bocadinho ambicioso.

Quer dizer utópica?

- Não digo bem utópica, mas que precisa de mais tempo. Mas ainda acredito no socialismo, sim. Considero escandaloso que vivamos num sistema em que os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. É a economia, dir-me-á. Pois é, mas daqui a pouco não vale a pena lutar por nada, porque quem manda é quem tem dinheiro! Mas, de uma maneira geral o povo português vive melhor. Todas essas melhorias são ganhos. O país está completamente diferente, as mentalidades evoluíram.

Portanto, está optimista quanto ao futuro imediato de Portugal?

- Não estou pessimista. Estou convencido é que daqui a 30 anos a pressão dos países mais pobres vai forçar-nos a arranjar formas novas de organização.

Isso preocupa-o?

- De certo modo, mas é capaz de preocupar mais os meus filhos.

São de esquerda?

- Acho que votam normalmente CDU. E eu também. Mais por causa dos «Verdes». Já imaginou uma cidade quase com um carro por habitante?!

O senhor não se desloca de carro?

- Ando sempre de transportes públicos, porque não tenho paciência para andar de carro. E uma chatiche.

Todo o seu envolvimento no processo do 25 de Abril e da descolonização deve ter-lhe criado alguns inimigos, mas certamente também alguns amigos. Tem amigos à direita?

- Tenho.

Quem?

- Tenho. Mas são principalmente de esquerda. Porque o que sucedeu é que acabei por perder alguns amigos. Curiosamente não com o 25 de Abril... mas com o 25 de Novembro.

Costuma dizer-se que não se perdem amigos.

- Criei um novo círculo. O que aos 50 anos é difícil! Mas tenho, talvez mais dos que os que tinha anteriormente. E melhores, porque não o são por interesse. Do meu curso de Marinha, só um ficou realmente meu amigo.

Hoje vive de quê?

- Da reforma. Vou vivendo alegremente. Ando bem disposto. Olhando para o correr do mundo e matutando, mas também sem desanimar.

Aos 73 anos, o que concluiu acerca das qualidades que mais preza num ser humano?

- Sinceridade. Ser capaz de viver sem se mover por razões que não sejam materiais. E agir em consequência disso. Fidelidade às amizades. E, por fim, capacidade de ternura.

Sempre foi calvo ou rapa o cabelo de propósito?

- Comecei a não ter cabelo por volta dos 20 e tal anos, então comecei a rapá-lo...

Não cultivava esse ar? Faz lembrar muito o Yul Brynner, que fez de torcionário demasiadas vezes em filmes «B»...

- Não havia qualquer imitação...mas olhe que já fui tomado por ele muitas vezes, até me vieram pedir autógrafos. Na Checoslováquia, e também na Austrália. **O senhor Almirante é um provocador.**

- Não é de propósito...respondo com hostilidade a quem me hostiliza. Uma das coisas por exemplo que se dizia é que eu era filho do Gago Coutinho e da preta Rosa, de S.Tomé. Diziam que eu rapava o cabelo para não se ver que era carapinha...! ■